

Um Certo João Guerra

por Manoel Neto*

João Guerra (1906-1992), João Oliveira Dias no registro civil, apesar do apelido que herdou dos seus antecedentes era uma pessoa serena e pacata. Possuidor de uma narrativa muito característica da região, qual seja, a fala pausada, mansa, recheada de expressões típicas, foi também fiel depositário de informações originadas dos seus antepassados, credenciando-se como um dos mais críveis narradores da história de sua gente. Procurado constantemente por pesquisadores de todos os matizes e origens foi um interlocutor consciencioso e pautado em cautelosa discrição. Conversou com gente importante como o escritor peruano Mário Vargas Llosa, atendendo com idêntica boa vontade visitantes anônimos ou menos notórios.

A cidade onde João Guerra nasceu e se criou, desapareceu

“Não durmo. Me viro de um lado para o outro. Penso em todo mundo que conheci. Vivo e morto¹”.

**João de Doni, vaqueiro,
velho morador de
Canudos.**

em 1969, inundada pelas águas represadas do açude de Cocorobó. Nela estavam os últimos vestígios da “urbs conselheirista”: as ruínas das igrejas, a Velha e a Nova, e o antigo cemitério. Lá repousam seus pais, avós e outros entes queridos.

Marilena Chauí nos alerta que “Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros”. Adiante, complementa:

“Todavia, a memória não é oprimida apenas porque lhe

* Historiador do CEEC/UNEB. Membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia - IGHB.

¹ Trecho de depoimento concedido ao autor, no ano de 1999.

foram roubados os suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido a monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos" (BOSI, 1987: XIX)²

Em Canudos, precede o desmonte daquilo que Chauí chama de "suportes materiais", um

progressivo movimento das classes dominantes, para desqualificando, isolar politicamente a cidade e seus moradores, tanto no momento em que transcorreu o conflito, como mais adiante no período pós-guerra. No primeiro instante, com a solidariedade das elites intelectuais e políticas que aderiram ao apelo discursivo contra os canudenses – veiculado principalmente pelos jornais – que utilizavam abusivamente de conceitos científicos muito difundidos à época para traçar o perfil de Antonio Conselheiro e demais habitantes da cidade. Representados sempre como "sub-raça, mentecaptos, selvagens", enfim, horda cujo furor teria que ser aplacado pelo fogo civilizatório da República redentora, os sertanejos eram também tratados como patéticos, fanáticos e insanos. Há que se considerar igualmente as pressões exercidas pelos grandes proprie-

tários rurais, notadamente o Barão de Jeremoabo e, pelo próprio Estado Republicano, para reconduzir aos limites da "ordem estabelecida" o povo que decidira viver na Belo Monte do Conselheiro. Rui Facó, confere relevância a participação da Igreja Católica, que para ele desempenha

"[...] o papel de polícia ideológica no meio rural, antecipando-se às forças repressivas. Prepara-lhes o caminho. Percebe instintivamente, que a "heresia", o desvio das normas de conduta estabelecida pela religião dominante – a religião da classes dominantes – poderá evoluir até a rebeldia contra a ordem constituída." (FACÓ, 1991: 35)

Esse cerco ideológico e político que intentava amparar a destruição do arraial fundado pelo Beato cearense, como de fato ocorreu, persistiria depois de finda a luta, sendo exemplo contundente a glorificação de comandantes militares, cujos nomes batizam ruas e logradouros públicos, a exemplo do que ocorreu com Febrônio de Brito e Pires Ferreira, homenageados em Salvador, onde também o Marechal Machado

² Os *Trabalhos da memória*. Apud. Bosi, Ecléa. *Lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1987. 406 p. il.

ente o Barão
elo próprio
para recon-
ordem esta-
acidira viver
elheiro. Rui
ia a partici-
a, que para

ideoló-
anteci-
epressi-
aminho.
te, que
das nor-
selecida
nte – a
minan-
tê a re-
consti-
5)

gigo e polí-
parar a des-
ndado pelo
o de fato
pois de fin-
plo contun-
comandan-
nes batizam
públicos, a
orreu com
es Ferreira,
vador, onde
Machado

pub. Bosi, Ecléa.
Paulo: Edusp, 1997.

Bittencourt mereceu honrarias, sem esquecer “os heróis de Canudos”, recordados ambos em placas existentes em área do Forte de São Pedro, Unidade do Exército, situado no Centro Histórico da capital baiana. Usando destes e de outros ardis, práticas “dani-nhas e sinistras” no dizer apropriado de Chauí, os ideólogos da história oficial e seus porta-vozes buscavam atingir seu desiderato, isto é, celebrar os “vencedores” e impor aos vencidos o esquecimen-to. Não sabiam, talvez, que do caroá se tece a rede...

Quem vive ou andou pelo sertão sabe que uma boa conversa ali vale ouro. A prosa ainda que no cabo da enxada é sempre apre-ciada. Contumaz igualmente é o papear no fim de tarde, na boca da noite, entre vizinhos, parentes e amigos. Conversa lerda como o tempo, pegajosa, sem ponto final. De tudo se fala e muito se escuta. Do real e do imaginado. É via de regra, a escrita e a leitura de quem não lê, nem tampouco escreve. Dos meandros da memória reaparecem figuras diversas, vivos e mortos. Com os antepassados re-tornam alegrias e tristezas, bata-lhas e combates, notas de astúcias e valentias, narrativas sobre can-gaceiros, beatos, violeiros e poe-tas das feiras; estórias de lutas clânicas entre grandes e peque-nos, passagens violentas onde

sempre se lava com sangue a hon-ra ultrajada. Nesses momentos a cidade com suas ruas e traçados antigos, com seus cultos e festejos ressurgue plena e povoada, intoca-da no seu desenho e no existir de outrora. Neste reconstruir sutil do tempo e do espaço, uma vida nos conta sobre muitas outras, reacen-de as pistas quase apagadas para que sejam novamente percorridas. Eis os desafios que cabe ao pes-quisador enfrentar!

Quando entrevistamos o Sr. João Guerra, Canudos, em verdade a antiga Cocorobó, era uma cidade recém emancipada – Lei Estadual 4.404, de 25 de fevereiro de 1985 – que recuperara através do ato emancipatório o antigo topônimo. Pouco ou quase nada restava da vila histórica, apenas o tosco Cruzeiro que ficava em frente à Igreja Velha, sob guarda de reli-giosos católicos, e restos mate-riais do conflito – artefatos bélicos, utensílios domésticos e outros objetos – preservados geralmente por particulares que os recolhera nos cenários da luta. Nas recorda-ções de homens e mulheres ama-durecidos, entretanto, a cidade renascia soberana como uma ave que há longo tempo no cativo re-conquista a liberdade. Fio con-dutor entre o passado e o presente, estas revivescências são elemen-tos indispensáveis no processo educativo das comunidades, como

reconhece Ecléa Bosi, no seu já citado “Lembranças de Velhos”:

“Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas como desnecessárias.” (BOSI, 1987:32)

Mais que um mero contador de estórias preso ao seu passado e antepassados, além de um memorialista desfiando suas reminiscências ou recompondo mnemonicamente fatos históricos, João Guerra e muitos outros sertanejos e sertanejas com os quais conversamos (D.Isabel, D. Zefinha, João Régis, Ioiô da Professora³), fizeram-se educadores, mesmo que muitas vezes tendo que desmontar alçapões ou abrir portas e janelas, para fazer entrar radioso o sol das incomparáveis manhãs dos sertões. Cabe aqui, também, a observação de Paul Thompson, quando ele afirma:

“É certo que as mudanças que podem ser percebidas pelos historiadores orais em

seus sujeitos provavelmente não serão tão pitorescas, mas é possível que sejam igualmente importantes. O fato de cada vez mais se darem conta, não só de que as pessoas eram úteis à história, mas que também a história podia ser útil para as pessoas, foi uma das origens principais do movimento de terapia da reminiscência que se tem difundido tão surpreendentemente nos últimos anos”. (THOMPSON, 1992: 209).

É certo que ao constatar-mos nos sujeitos anônimos seres capazes de relatarem além das suas trajetórias pessoais, versões sobre ocorrências históricas, públicas ou particulares, estamos em verdade, nós historiadores, apenas lhes reconhecendo o direito propositalmente sonogado pelos grupos socialmente hegemônicos, de testemunharem sobre fatos vividos, ainda que longe do proscênio. Trocando em miúdos: recolhemos tudo aquilo que a “vassoura oficial” pôs embaixo do tapete.

Entrevistamos o Sr. João Guerra, no mês de outubro de 1987, na sua casa/hotel⁴ em

³ Todos já falecidos, exceto Ioiô da Professora, que ainda vive no município de Euclides da Cunha. A esses nomes muitos poderiam ser acrescentados.

⁴ Funcionário aposentado do DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra a Seca -, João Guerra era também proprietário do Hotel São João Batista, nos anos 80 do século passado, o principal de Canudos.

Canudo
panhia
também
costume
compan
lhos e n
pedes. /
junto d
“A prese
na mem
financia
e da U
Bahia –
de Estu
CEEC. /
preâmb
da entre
anos, a
dapé qu
tor, con
corrigir
jam eles
entrevi
não esc
profess
Mônaco
se depa
tradas e
sente qu
zes tern
pp 32/3
o docur
mente c
da escu
mecânic
ao trans
formaçã
curso d
sinais n

almente
as, mas
igual-
fato de
em con-
pessoas
a, mas
a podia
as, foi
incipais
apia da
tem di-
ndente-
anos".
(9).

instatarmos
seres capa-
n das suas
rsões sobre
s, públicas
ios em ver-
es, apenas
direito pro-
o pelos gru-
nônicos, de
fatos vivi-
o prosclênio.
recolhemos
assoura ofi-
apete.

o Sr. João
outubro de
'hotel4 em

Canudos, onde ele vivia na companhia de sua esposa, D. Eulina, também já falecida. Lá, com a costumeira fidalguia sertaneja, na companhia de alguns dos seus filhos e netos recebia amigos e hóspedes. A entrevista integra o conjunto de depoimentos do projeto "A presença da Guerra de Canudos na memória do povo de Cocorobó", financiado com recursos do CNPq e da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, através do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC. O texto que sucede este preâmbulo é a transcrição editada da entrevista obtida há quase 20 anos, acrescida com notas de rodapé que objetivam auxiliar o leitor, complementar informações e corrigir eventuais equívocos, sejam eles dos entrevistadores ou do entrevistado. A propósito, convém não esquecermos a sentença da professora Maria de Lourdes Mônaco Janotti para quem [...] "Ao se deparar com fontes orais, registradas e transcritas, o historiador sente que para ele os tempos felizes terminaram" (JANOTTI, 1987: pp 32/35). De fato, o trabalho com o documento oral não é tão somente o exercício puro e simples da escuta. Mais que a audição mecânica da fonte gravada cabe ao transcritor, seja qual for sua formação ou objetivo, *sentir* o discurso do entrevistado, perceber sinais nas suas pausas e silêncios,

buscar e refazer na memória passagens da fala registrada para eliminar dúvidas e resguardar a autenticidade do depoimento, ou seja, perseguir obsessivamente a fidedignidade do testemunho que lhe foi confiado. Tal procedimento pressupõe que a transcrição seja realizada preferencialmente por um dos entrevistadores, familiarizado, portanto, com o tema tratado e sensibilizado para realizar a tarefa com a dedicação que esta requer. No caso, contamos com a prestimosa colaboração do professor José Carlos Pinheiro, que tendo participado da entrevista e sendo especialista na matéria pode desfiar pacientemente o fio da meada.

Editar o texto resultante da transcrição significou torná-lo mais conciso, mais agradável e compreensível, possibilitando dessa forma uma melhor leitura sem o prejuízo da coloquialidade inerente ao discurso oral. Bom informar que apenas retiramos do original, perguntas e respostas coincidentes, frases truncadas ou inaudíveis por deficiência da gravação, insanavelmente comprometidas, ainda que recorrendo a ajuda do depoente enquanto vivo ou posteriormente, aos seus familiares mais próximos.

Ao publicarmos esta entrevista, quase duas décadas após realizá-la, não nos surpreendeu a sua

Professora, que ainda da Cunha. A esses tentados.

JS – Departamento de História, João Guerra era o João Batista, nos arquivos de Canudos.

atualidade, seu vigor informativo e a delicada reconstrução do cenário físico e humano onde os fatos históricos narrados se desenrolaram. Ainda hoje nos emocionamos como ontem. Dedicamo-la aos familiares

do velho João Guerra, nas pessoas de seus filhos, netos e bisnetos. É também uma homenagem à memória de D. Eulina, sua companheira por toda vida. Guardo-os nas minhas recordações e no meu afeto.

ENTREVISTA

E1 - Senhor João, bom dia. Gostaríamos que nos dissesse onde nasceu, o nome de seus pais, um pouco de sua vida.

JG - Está certo. Meu nome completo é João de Oliveira Dias, nasci no dia 17 de outubro de 1906, em Canudos⁵. Meu pai se chamava Joaquim Oliveira Dias e, minha mãe, Maria Ana da Conceição, mais conhecida como Maria da Guerra⁶. Até os 31 anos eu morei aqui, depois fui para São Paulo tentar a sorte, fiquei lá durante três anos, mas como não deu certo, retornei para Canudos, indo em seguida residir em Campo Formoso⁷ para trabalhar no garimpo. Em 1941, já morando novamente em Canudos, eu me casei com Eulina. Nesse mesmo ano eu entrei no DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra a Seca -, para trabalhar na construção da estrada que ia de Juazeiro a Barra do Tarrachil⁸, sendo que em 1949 fui viver no Uauá⁹ onde permaneci até 1957. Depois disso voltei a morar por aqui, onde permaneço até hoje.

E2 - Quantos filhos, senhor João?

JG - Sete. Três mulheres e quatro homens.

E1 - Por quê o apelido de João Guerra?

JG - Porque o meu avô por parte de mãe era “Mané da Guerra”. Antes da Guerra de Canudos ele já tinha esse

⁵ O entrevistado se refere a cidade reerguida após o final da Guerra (1896/1897). Segundo a tradição oral a reconstrução da Vila teria ocorrido entre 1898 e 1909, quando a reocupação da área se consolidou. A cidade existiu até 1969, quando desapareceu sob as águas do açude de Cocorobó. A Canudos atual era distrito do município de Euclides da Cunha até 1985, com o topônimo de Nova Canudos.

⁶ A mãe do Sr. João, Dona Maria da Guerra era uma das mais respeitadas e solicitadas parteiras de Canudos, gozando de muito prestígio na velha cidade.

⁷ Cidade situada no semi-árido baiano, distante de Salvador cerca de 400 km.

⁸ Um dos mais importantes municípios do semi-árido da Bahia, situado às margens do rio São Francisco e fazendo divisa com Pernambuco/PE. Dist. de Salvador 500 km. Barra do Tarrachil é um pequeno lugarejo situado alguns quilômetros acima de Canudos, a beira do Rio São Francisco, funcionando no local um serviço de transporte fluvial que conduz veículos e passageiros através do rio para o estado de Pernambuco. A estrada a que se refere o entrevistado até hoje permanece grande trecho inconclusa, embora seja muito utilizada, principalmente por veículos de carga.

⁹ Município situado no semi-árido da Bahia, próximo a Canudos, distante da Capital 416 km.

apelido (e depois versando suntu, e agora d Quando era rapa go, imag votar, er data qu deu 17 d cumento Quer diz a do doc

E2 - A st sou tod

JG - Pa São Paul

E1 - Volt não sab

JG - Eu meu avô nbeci el avó tam Guerra. chamad Josefa G assim, t pelo ape

E2 - A vi vertido

JG - O te era mais nasci de mo no r tempo n outras h tudo. O p

s pessoas
isnetos. É
1 à memó-
npanheira
s nas mi-
eu afeto.

hor João?

is e quatro

o de João

or parte de
t". Antes da
tinha esse

erguida após o fi-
a tradição oral à
entre 1898 e 1909,
nsolidou. A cidade
ceu sob as águas
tual era distrito do
1986, com o topô-

erra era uma das
eiras de Canudos,
a cidade.
iano, distante de

e do semi-árido da
ão Francisco e fa-
ta de Salvador 500
olugarejo situado
dos, à beira do Rio
pal um serviço de
ulos e passageiros
nambuco. A estraa-
te hoje permanece
seja muito utiliza-
carga.

à Bahia, próximo a
m.

apelido que passou para minha mãe e depois para mim. A gente está conversando sobre isso, sobre este assunto, e eu estou me lembrando agora de uma coisa interessante. Quando tirei meus documentos eu já era rapaz, estava procurando emprego, imagine que já tinha idade para votar, então minha mãe me deu a data que eu tinha nascido, ela me deu 17 de outubro e eu fiz meus documentos como se fosse no dia 10. Quer dizer, a data verdadeira é uma e a do documento é outra!

E2 - A sua infância o senhor passou toda aqui na região?

JG - Passei. Só em 1937 eu fui para São Paulo, passei três anos por lá .

E1 - Voltando ao apelido. O senhor não sabe realmente a origem?

JG - Eu não sei. Sempre tratavam meu avô assim. Desde menino conheci ele com esse apelido. Minha avó também era chamada de Josefa Guerra. Até morrerem eles eram chamados assim: Mané Guerra e Josefa Guerra. Conheci um e outro assim, todo mundo chamava eles pelo apelido.

E2 - A vida era melhor e mais divertido do que hoje?

JG - O tempo numa parte era melhor, era mais sossegado. Eu nunca fui rico, nasci de uma família pobre e, continuo no mesmo, mas acho que aquele tempo numa parte era melhor, em outras havia mais dificuldades em tudo. O povo era tudo pobre, a gente

não tinha de que viver, depois desse açude para cá é que melhorou, foi melhorando as coisas e tal, muita gente melhorou de vida.

E1 - O senhor participou da construção do açude?

JG - Do começo até o fim. Em 1958 foi aprovado o Projeto¹⁰ e nós começamos, eu mesmo morava em Uauá quando foram me buscar para "tirar" essa estrada de Canudos para aqui¹¹.

E1 - O pessoal que veio construir o açude, os operários eram todos daqui da região?

JG - Quase todos eram daqui da região, mas também apareciam alguns de fora.

E2 - Os engenheiros eram de fora?

JG - Os engenheiros eram de Salvador. Fora isso tinha gente de toda parte dessas obras do sertão, daqui mesmo tinha muita gente. Quando a gente começou eram poucos, depois foi aumentando, chegando a ponto de ter muita gente mesmo, eram muitos carros e muitas máqui-

¹⁰ Contradizendo o depoimento do Sr. João Guerra, o livro "Barragens No Nordeste do Brasil", registra que "a barragem do açude Cocorobó teve sua construção iniciada em 1951, por administração direta do DNOCS". Assim sendo, nem o teria sido aprovado em 1958, nem o presidente Vargas já teria morrido quando do início das obras de construção do açude Cocorobó.

¹¹ Esta estrada, perfazendo o trecho Canudos/Cocorobó foi construída entre os meados e o final da década de 40, do século XX.

nas, era um movimento muito grande. Para fazer esse açude foi um sacrifício grande porque era dentro de um rio, do Vasa-Barris¹², mas só tinha água quando corria, quando chovia¹³, aí qualquer lugar que escasseasse naquela areia dava água, e água limpa. Então, quando foi aprovado o açude, é que viemos trabalhar na fundação, foram trinta metros de fundação dentro d'água, era cavando, as máquinas escavadoras cavando, a gente tirando aquela areia e fazendo as encaixões para as águas.

E1 - Sendo antigo morador da cidade de Canudos, onde tantos fatos ocorreram, onde viveram seus pais, seus avós, como é que o senhor encarou a água passando por cima disso tudo?

JG - No começo a gente não achava jeito disso acontecer. Quando Getúlio Vargas era Presidente da República é que começou essa conversa de açude. Ele queria conhecer e veio a Canudos como Presidente da República¹⁴. Na visita ele foi na casa do capitão Isaías Canário¹⁵ que era um político muito forte aqui, tinha muita força, então numa conversa com Isaías Canário, Getúlio perguntou o que ele queria para Canudos e Isaías respondeu: "Eu quero que Vossa Excelência nos dê um açude para Canudos". E Getúlio Vargas respondeu: "Pode aguardar, espere que será feito". Em pouco tempo veio o estudo, fizeram em Canudos e acima, em três lugares, mas não foi aprovado, quando ia para lá que voltava não aprovava, voltava, pegava, quando chegou

perto de Canudos, desceram de Canudos abaixo, foram em três lugares, o derradeiro foi esse aqui, esse aqui foi aprovado, quando foi aprovado e começamos a trabalhar Getúlio Vargas já tinha morrido, não era mais vivo.

E2 - Quando foi que o senhor ouviu falar pela primeira vez no nome de Antonio Conselheiro?

JG - Desde que me entendi, ainda pequeno. Minha avó e meu avô participaram da Guerra, eles resistiram até o fim. Minha mãe era moça, eram cinco irmãs moças, essas ficaram até na hora que fecharam o cerco. Eu tinha também dois tios, um morreu e o outro parece que desapareceu.

¹² A Canudos conselheirista situava-se na margem esquerda deste rio, que nasce em terras do município de Uauá, numa altitude de 500 metros. Suas nascentes, que afloram em terras baianas, segundo o pesquisador Dionísio Nóbrega encontram-se nas lagoas Pinhões e Bonita, e sua desembocadura ocorre no Paramopama que banha a cidade sergipana de São Cristóvão. Informação do mesmo estudioso dá conta que em tupi o rio foi batizado Irápiranga, cujo significado seria a belha vermelha ou mel avermelhado.

¹³ No trecho que banhava Canudos o rio Vasa Barris tinha curso temporário. Durante a estação de chuvas, quando estas ocorriam, o rio corria caudaloso, chegando mesmo a provocar enchentes. Durante as estiagens prolongadas, porém, o leito ficava seco, como descreve o Sr. João Guerra.

¹⁴ O presidente Getúlio Vargas visitou Canudos, em 18 de outubro de 1940. A versão segundo a qual durante esta visita lhe foi solicitado pelo capitão Isaías Canário (1890 - 1966) a construção de um açude, embora seja corrente entre os antigos moradores da 2ª Canudos, não é confirmada pelo seu sobrinho, o escritor Eldon Canário, nem pelo Sr. Antonio Batista (1909 - 2003), outro chefe político da localidade no período e correligionário do Sr. Isaías, a quem entrevistamos em 1999. Importante lembrar, também, que o Presidente Vargas em que pese anotar no seu Diário, Vol. II, publicado pela Editora Siciliano/FGV, a passagem pela Vila, não menciona a conversa sobre a construção do açude.

¹⁵ Como já informamos trata-se de um dos mais prestigiados chefes políticos da 2ª Canudos, senão o mais importante. O escritor Eldon Canário nos informou que a patente de capitão lhe foi oficialmente concedida pelo Presidente Vargas, numa dedicatória aposta numa foto que enviou ao Sr. Isaías, após sua passagem por Canudos, em 1940.

**E2 - Com
nhor se l**

JG - Um
gou muit
Manezinh
ficou resi
passaram
char, eles
do Mário,
todos os s
ficavam a
passaram
três para
esse temp
gente, jag
diziam er
estava ve
estava ve
partido, q
mas brigat

**E1 - Quer
ças são b
o tempo d
de sua fa
no Conse**

JG - Desde
pessoal, m
pelo Cons
um jeito, er
Vinha muit
povo do Ri
que era um
Conselheir
minha avó
que a velha
vam e perg
ela ia dize
Antonio Co
escutava el
e tal, dep
Conselheir
o que lá",

“sapateava” mesmo, porque não gostava que ninguém falasse do Conselheiro.

E2 - E o que é que ela falava do Conselheiro?

JG - Dizia que ele só aconselhava para o bem e só fazia o bem. Minha mãe era moça nesse tempo, mas minhas tias que eram mais velhas viam fazendo orações. Eu perguntava como era com esse povo todo que diziam que tinha, e elas diziam que não faltava nada. Esse povo mais velho dizia que quando o Conselheiro chegou em Canudos existiam umas 60 (sessenta) ou 70 (setenta) casinhas e, quando houve a guerra, tinham 6.000 (seis mil) casas. Deram a certeza, tinha 6.0000 (seis mil) casas, tinha também muita gente! Eu alcancei o rumo onde era Canudos, a casa-ria de telhas, a bagaçaria, os torrões, tantos anos, não é? Alcancei tudo isso, a gente caçando balas, apanhando coisas para vender a esse povo que vinha visitar Canudos, tudo que se achava da guerra eles compravam para levar como lembranças, de forma que nós ajuntávamos uns quatro ou cinco garotos, cada um com uma capangazinha e saía cedo para apanhar bala e guardar, em

E2 - Como era o nome deles, o senhor se lembra?

JG - Um era José, José Guerra, brigou muito e o outro era Mané ou Manezinho, o que sumiu. Meu avô ficou resistindo ali dentro, mas eles passaram dois anos e tanto para fechar, eles começaram aqui no Alto do Mário, ali era o acampamento de todos os soldados, quando chegavam, ficavam ali. Eles fizeram uma cerca, passaram dois anos e tanto, quase três para cercar, e brigando durante esse tempo. Era brigando, matando gente, jagunço brigando¹⁶. Pelo que diziam era uma ignorância terrível estava vendo uns e outros morrer, estava vendo que aquilo não tinha partido, que iam todos se acabar, mas brigavam.

E1 - Quer dizer que suas lembranças são bem antigas, vêm desde o tempo de menino, não é? Dentro de sua família sempre se falava no Conselheiro, na Guerra?

JG - Desde pequeno. Minha avó, meu pessoal, minha família era fanatizada pelo Conselheiro. Minha avó era de um jeito, era uma velha muito valente. Vinha muita gente conhecer Canudos, povo do Rio, povo de São Paulo, gente que era um horror para perguntar pelo Conselheiro. Eles vinham procurar minha avó, parece que eles sabiam que a velha era valente, então chegavam e perguntavam algumas coisas e ela ia dizendo, contando quem era Antonio Conselheiro. Tinha gente que escutava ela falando e elogiava, coisa e tal, depois dizia: “Que nada, o Conselheiro não era isso não, não sei o que lá”, ela então “sapateava¹⁷”,

¹⁶ O entrevistado incorre em equívoco ao afirmar que “o cerco de Canudos demorou dois anos”, pelo menos o sítio militar. Em verdade, a Guerra de Canudos se iniciou em novembro de 1896 (Expedição Pires Ferreira), e findou em outubro de 1897, durando então menos de 01 (um) ano. O cerco final a Canudos foi concluído ao findar-se o mês de setembro de 1897, quando todas as entradas e saídas do arraial passaram ao controle das forças republicanas.

¹⁷ Reagia com indignação, inconformismo, fazia a defesa do Conselheiro.

sceram de em três lu- esse aqui, quando foi a trabalhar norrido, não

senhor ou- ira vez no elheiro?

endi, ainda leu avô par- s resistiram era moça, is, essas fi- fecharam o n dois tios, parece que

se na margem es- ras do município de s. Suas nascentes, gundo o pesquisam- m-se nas lagoas ocadura ocorre no a serpipana de São estudioso dá conta ranga, cujo signifi- i avermelhado.

o rio Vasa Barris ti- estação de chuvas, ria caudaloso, che- tes. Durante as es- o ficava seco, como

ou Canudos, em 18 ndo a qual durante elo capitão lealaf ção de um aqude, tigos moradores da do seu sobrinho, o Sr. Antonio Batista o da localidade no álias, a quem entre- brar, também, que notar no seu Diário, lano/FGV, a passa- conversa sobre a

um dos mais presti- udos, senão o mais nário nos informou iciosamente conce- i dedicatória aposta is, após sua passa-

poucas horas estava carregado, todo mundo vinha carregado de balas, eu trazia todo dia, eu guardava para vender àquele pessoal que vinha do Rio, São Paulo, de toda parte.

E2 - O que mais eles contavam sobre Antonio Conselheiro?

JG - Meus avós contavam que a intenção dele era só fazer o bem, como eu já falei. Ele também fazia penitência, aconselhava quem precisasse, agora o serviço dele era trabalhar para fazer igreja. Eu conheço algumas igrejas feitas pelo Conselheiro, por exemplo: a igreja de Patamutê¹⁸, e parece que a de Nova Soure¹⁹.

E1 - E antes dele vir para Canudos?

JG - Eles contavam sobre o Conselheiro no Ceará. Esqueço o nome do lugar.

E1 - Quixeramobim²⁰?

JG - Quixeramobim. Eu lembro dos velhos contando que ele casou-se e a mãe não queria o casamento, não era do gosto da velha, mas ele fez uma casa perto da mãe, então a mãe inventou que a mulher dele estava sendo falsa a ele. Antônio Conselheiro disse: "Não acredito, não é possível!". Então ela insistiu dizendo: "Vou lhe provar, você faça uma viagem, diga a ela que vai fazer uma viagem, que vai demorar, que você volta tal dia, aí você fica amoitado". Então ele fez que ia viajar, ficou escondido, ficou numa moita reparando perto de casa, mas foi a mãe quem se trajou de homem e

saltou a janela. Ele estava perto escondido, estava armado, então na hora que ela pulou a janela ele atirou. A mulher estava sem saber de nada. Quando ele correu para o lugar viu que era a mãe que estava caída e morta²¹. Isso é o que me contavam sobre a vida dele antes vir para aqui.

E2 - Era verdade que o Conselheiro fazia milagres²²?

JG - Diziam que ele fazia milagres. Só ouvia o povo dizer, mas aqueles fanáticos é que diziam que ele fazia milagres.

- ¹⁸ Distrito do município de Curaçá, localidade situada na região do Rio São Francisco, em território da Bahia. Contrariando a informação do entrevistado não existe a construção por ele mencionada no lugarejo.
- ¹⁹ Município situado na região do agreste baiano, distando de Salvador 225 km. Nesta localidade, à época denominado Natuba, em 1893, durante a feira semanal ocorreu sério incidente entre os seguidores de Antonio Conselheiro e representantes do Fisco baiano, quando por ordem do Beato foram quebradas as tabuletas de impostos, num claro gesto de desobediência civil. Quanto a Igreja do local, hoje desaparecida, nela Antonio Conselheiro efetuou reparos, não sendo obra sua a construção do templo.
- ²⁰ Situada quase ao meio do território do estado do Ceará é a terra onde nasceu Antonio Conselheiro. A Vila original cresceu na propriedade do capitão-mor Antonio Dias Ferreira, sendo até 1765, Freguesia de Santo Antonio de Quixeramobim e, depois, Vila Nova Maior do Campo de Quixeramobim. Foi elevada a categoria de cidade pela Resolução provincial nº 765, datada de 14 de agosto de 1856, com o nome de Quixeramobim.
- ²¹ Sempre recorrente no imaginário popular a estória do crime de matricídio imputado a Antonio Conselheiro é absolutamente inverídica. Orfão de mãe aos quatro anos, pois sua genitora Maria Joaquina de Jesus faleceu em 1834, Antonio Conselheiro foi criado pela madrasta, pessoa mentalmente insana, que muito o maltratou. Preso sob essa falsa acusação, em 1876, na cidade baiana de Itapicuru, o Peregrino foi conduzido a Salvador, em seguida ao Ceará, onde foi libertado dado a inveracidade da denúncia.
- ²² Guarda a tradição oral, em muitos locais do sertão conselheirista, as narrativas dos milagres de Antonio Conselheiro. Sabe-se, todavia, que ele jamais estimulou tais crenças, ao contrário, não permitia por exemplo que se ajoelhassem diante dele, ao dizer: "Levante-se, que Deus é outra pessoa". Sobre o assunto indicamos a leitura de duas obras fundamentais: "O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro", do mestre José Calsans, e "Só Deus é Grande", de Alexandre Otten.

E2 - Era e seu Monar O senh

JG - Iss

E1 - Sua

JG - Fai

E2 - Era que?

JG - Por e quand pessoal ainda di: mas o p nenhum

E1 - O qi

JG - Ele vai fazer a quanti andaram passou n

E2 - Mas vam o c

JG - Aí tempo nã nada por o povo ce quando a povo er Conselhe

E2 - O ser Canudos menos e vam seu soal mai morava

va perto es-
, então na
la ele atirou.
ber de nada.
o lugar viu
ava caída e
e contavam
r para aqui.

Conselheiro

milagres. Só
queles faná-
e fazia mila-

localidade situada
território da Bahia.
vistado não existe
o lugarejo.

prestre balano, dis-
ccalidade, à época
ante a feira sema-
os seguidores de
res do Fisco baia-
ram quebradas as
resto de desobedi-
l, hoje desapareci-
tuou reparos, não
nplio

rio do estado do
nio Conselheiro. A
de do capitão-mor
/765, Freguesia de
depois, Vila Nova
Foi elevada a ca-
provincial nº 765,
com o nome de

opular a estória do
ntonio Conselheiro
de mãe aos quatro
luna de Jesus fale-
foi criado pela ma-
ana, que muito o
sação, em 1876, na
primo foi conduzido
onde foi libertado

é locais do sertão
magres de Antonio
ele jamais estimu-
ermítia por exem-
dele, ao dizer:
ssoa". Sobre o as-
obras fundamen-
as Conselheiro", do
as é Grande", de

E2 - Era verdade que o Conselheiro e seu povo eram a favor da Monarquia e contra a República?

JG - Isso eu ouvi falar.

E1 - Sua avó falava isso?

JG - Falava.

E2 - Era contra a República, por que?

JG - Porque era o tempo da Monarquia e quando passou para a República o pessoal não queria. O Conselheiro ainda dizia que não tinha jeito e coisa, mas o povo não queria de maneira nenhuma.

E1 - O que o Conselheiro dizia?

JG - Ele dizia: "O que é que a gente vai fazer?". Mas o povo não aceitava, a quantidade de gente era demais, andaram rasgando dinheiro, depois passou mesmo, ficou a República.

E2 - Mas eles também não aceitavam o casamento civil?

JG - Aí eu não sei. Porque naquele tempo não tinha Cartório, não tinha nada por aí, não sei nem como era que o povo casava. Parece que de vez em quando aparecia um padre, porque o povo era todo fanatizado pelo Conselheiro.

E2 - O senhor tem nos dito que em Canudos vivia muita gente, pelos menos era assim que lhe contavam seus avós, sua mãe e o pessoal mais velho. Se em Canudos morava tanta gente, como era

possível dar comida para esse povo todo?

JG - Eu às vezes, querendo entender, perguntava para meu avô e minha avó: "E esse povão como era que comia num lugar seco como é?". Porque não tinha recursos e não faltava nada!

E1 - Então qual era o segredo?

JG - Todo mundo que chegava ali era para trabalhar com o Conselheiro porque o serviço dele era fazer igreja, em Canudos mesmo ele fez duas, uma deixou pronta e a outra perto de aprontar, uma perto da outra, trezentos metros de uma para outra²⁵. Então,

²³ Antonio Conselheiro demonstra desacordo com o regime republicano nos seus escritos denominados "Prédicas aos canudenses e um discurso sobre a república", datados de 12 de janeiro de 1897 e publicados por Ataliba Nogueira no livro "Antonio Conselheiro e Canudos". No mesmo documento defende a Monarquia, expressando desagrado ao afirmar que "a república permanece sobre um princípio falso" e ao adiante escrever: "Quem não sabe que o digno príncipe o senhor D. Pedro 3º tem poder legitimamente constituído por Deus para governar o Brasil?". Para o Beato o Poder era uma concessão Divina, não sendo tolerável à interferência profana dos homens nos desígnios de Deus.

²⁴ Considerado por Antonio Conselheiro e seus seguidores uma afronta a Deus e a Igreja, o casamento civil adveio com a instauração da República, em 15 de novembro de 1889. Segundo Oscar Lustosa, em "A Igreja Católica no Brasil República", o governo continuaria "a legislar em matéria religiosa" impondo "a obrigatoriedade do casamento civil, reforçando, com prisão e multa, a necessidade da celebração do mesmo, devendo este anteceder o casamento religioso".

²⁵ Habitual construtor de igrejas e cemitérios, dentre outras obras, Antonio Conselheiro ergueu duas igrejas em Canudos. A primeira, denominada Igreja Velha, cujo orago era Santo Antonio, teria sido concluída no início de 1893, e consagrada pelo vigário do Curato (atual Euclides da Cunha), padre Vicente Sabino dos Santos, em agosto do mesmo ano. A segunda, chamada Igreja Nova, dedicada ao Bom Jesus, ficou inconcluída servindo durante a Guerra como poderosa trincheira militar contra os ataques do Exército Republicano. Sobre a Igreja de Santo Antonio, a Igreja Velha, o historiador José Carlos da Costa Pinheiro contesta o ano de 1893, como o da sua inauguração, indicando 1896 como o ano correto, em artigo intitulado "Ano de 1896 - Término das Obras da Capela de Santo Antonio de Bello Monte?" e publicado na "Revista Canudos", V. 4, n.º 10, de dezembro de 2000. A cerca da Igreja Nova, a do Bom Jesus, foi na compra da madeira para suas obras que se deu o "incidente desvalioso" descrito por Euclides da Cunha nas páginas de "Os Sertões", e que teria provocado o início do conflito militar entre os canudenses e as forças republicanas.

como é que ele dava de comer a esse povo? Naquele tempo tinha dono de engenho, dono de fazendas ricas que tinha muito boi. Então vinha gente de Sergipe, de toda zona, de Aracaju vinha muito, ver e conhecer, isso corria, essa notícia do Conselheiro com esse povão, e vinha aquele povo rico, vinha a cavalo, olhava, chegavam aí e gostavam, ficavam fanatizados e diziam ao Conselheiro: “Vou mandar uma boiada”. Outros diziam: “Eu vou mandar uma tropa de burro carregada de açúcar, de farinha”. E assim não faltava nada! Esse pessoal todo de Canudos não trabalhava em outra coisa senão com o Conselheiro, eles mandavam fazer aqueles armazéns, aqueles armazéns grandes, um para botar farinha, outro para botar feijão, outro para botar arroz, outro para botar açúcar e assim o camarada ficava ali recebendo sem quantidade²⁶, porque só era para comer! Então eu dizia a meu avô: “E tomava nota?”. Ele respondia: “Tomava nota de nada. Aquele que chegava dizia: “quero açúcar”. Quando chegava no armazém de açúcar já sabia, ia recebendo aquele pacotinho; de feijão, a mesma coisa; de farinha, de tudo isso, e carne era aí à vontade, ninguém comprava, nem corria dinheiro de jeito nenhum²⁷!”.

E1 - E como essas pessoas se acostumavam a trabalhar tanto e o que é tinha em troca?

JG - Comida. Só não tinha dinheiro. A maioria era gente pobre, fraco, já sabia que lá não faltava. Ora, quem estava passando fome...

E2 - Dizem que esse pessoal que acompanhou o Conselheiro era gente que vinha de muitas fazendas, isso é mesmo verdade? Nessa zona havia fazendas tão ricas?

JG - Tinha muita fazenda rica nessas zonas todas, não era aqui encostado a Canudos não, era para essas zonas de Sergipe. Dessas regiões de longe é que vinha muita gente²⁸.

²⁶ No caso, sem limite.

²⁷ Muitos autores têm se detido na questão do abastecimento em Canudos. Situado à margem esquerda do rio Vasa Barris, o local era propício para a agricultura e a pecuária, atividades que os canudenses e os sertanejos em geral sempre desenvolveram, de acordo com diversos autores e a as narrativas recolhidas junto à gente como Manoel Ciríaco e Honório Vilanova, testemunhas presenciais da vida em Canudos. É certo que na cidade havia uma próspera atividade comercial, cujo intercâmbio acontecia inclusive com outros lugares e cidades da região, como Monte Santo, Cumbe, Pombal, Senhor do Bonfim e outras. O Dr. César Zama, destacado político baiano do período menciona em escrito que publicou após a guerra, a existência de um comércio exportador de peles, embora isso não se tenha confirmado. Quanto a circulação do dinheiro, ao contrário do que afirma Sr. João, tanto corria o dinheiro do Império quanto a moeda republicana. Segundo Honório Vilanova, em obra já citada, o Conselheiro era quem “não pegava em dinheiro da República! Mas não pegava em dinheiro de qualquer espécie, nem mesmo o de D. Pedro II.”

²⁸ Pelos ensinamentos do mestre José Calasans, “no séquito de Antonio Conselheiro, que começou a se formar no início de suas andanças na Bahia e em Sergipe, predominavam os baianos, seguidos de sergipanos, cearenses e pernambucanos”. O mesmo autor, no seu “Cartografia de Canudos”, acrescenta que “[...] Jamais deparamos, em nossas pesquisas, referências a nordestinos de outras procedências, embora, possivelmente, alagoanos, paraibanos, potiguares, hajam formado nas falanges conselheiristas”. Viveram também em Canudos pessoas oriundas de cidades circunvizinhas como Jeremoabo, Cumbe (Euclides da Cunha), Monte Santo, Ribeira do Pombal e Bom Conselho (Cícero Dantas), sendo também reconhecida e constatada a presença de gente chegada de localidades como Olindina, Soure, Entre Rios, Inhambupe, Rio Real, Itapicuru e Conde, cidades situadas no agreste baiano e próximas do litoral norte do Estado. Some-se a esse grupo, o povo vindo das Lavras Diamantinas, “mais clavinoteiros que crentes”, no dizer de Calasans. Do ponto de vista étnico integrava o séquito conselheirista brancos, negros e caboclos, bem como, índios. Os censos da época ratificam essas informações, acrescentando a esse contingente os “cabras”, isto é, elementos descendentes da fusão entre mulatos e negros. Importante ressaltar, todavia, que o povoamento da região iniciou-se no século XVII, originando-se de antigas missões jesuíticas, de onde nasceram conglomerados como os de Jeremoabo, Massacará e Saco dos Morcegos. Quanto a colonização do Vasa Barris, área onde está situada Canudos, esta teria seu começo no século XVI, por volta de 1598. Entretanto, a população autóctone era diminuta, vivendo no lugar antes de Antonio Conselheiro lá fixar moradia, em torno de 1890, cerca de sete ou oito famílias, como os Mota, os Macambira e algumas mais.

E1 - É verdade existiam r

JG - Eu acivontade.

E1 - Na su meçou a g

JG - Porqu quantidade parte, aqui reza, para u soldado, nã dava ali o t com essa q a palavra de do ele cheg ele. Então, dizia: “eu c aqui”. “Ent aonde quis como o Co dens, ningu eram feitas gente mais gente que iguais a un sebres, nãc tinha alinh duas praças rava o pes rico que vir ia se fazen tivesse luga

E2 - Quen Ceará a q

JG - Um A muito rico e que quand que vinha e falar que e

oal que
eiro era
s fazen-
? Nessa
ricas?

na nessas
postado a
zonas de
longe é

o do abasteci-
n esquerda do
a a agricultura
enses e os ser-
am, de acordo
vas recolhidas
nório Vilanova,
Canudos É cer-
atividade co-
inclusive com
como Monte
fim e outras. O
ano do período
ós a guerra, a
de peles, em-
anto a circula-
firma Sr. João,
tanto a moeda
va, em obra já
pegava em di-
em dinheiro de
Pedro II."

Calasans, "no sé-
meçou a se for-
a Bahia e em
eguidos de ser-
" O mesmo au-
acrescenta que
pesquisas, refe-
dências, embo-
ras, potiguares,
ristas". Viveram
das de cidades
be (Euclides da
ombal e Bom
bém reconheci-
hegada de loca-
os Inhambupe,
es situadas no
orte do Estado.
do das Lavras
de crenças", no
único integrava
pros e caboclos,
ratificam essas
ingente os "ca-
da fusão entre
ar, todavia, que
no século XVII,
uísticas, de onde
de Jeremoabo,
anto a coloniza-
tuada Canudos,
VI, por volta de
one era diminui-
o Conselheiro lá
a de sete ou oito
bra e algumas

E1 - **É verdade que em Canudos existiam muitos ex-escravos?**

JG - Eu acredito, porque lá ficavam à vontade.

E1 - **Na sua opinião, por quê começou a guerra?**

JG - Porque foi se aglomerando uma quantidade enorme de gente de toda parte, aqui tinha gente de toda natureza, para um só mandar. Não tinha soldado, não tinha delegado, só mandava ali o Conselheiro. Em Canudos com essa quantidade de gente só era a palavra dele, porque o pessoal quando ele chegou deu aquele terreno para ele. Então, o povo chegava assim e dizia: "eu quero fazer a minha casa aqui". "Então marque e pode fazer aonde quiser". E aí o povo ia fazendo, como o Conselheiro só fazia dar ordens, ninguém pagava nada, as casas eram feitas. Eram só duas praças de gente mais ou menos, gente grã fina, gente que possuía suas casas boas, iguais a um bairro. A maioria era casebres, não tinham alinhamento, só tinha alinhamento parece que em duas praças ou três, que era onde morava o pessoal do Ceará, o pessoal rico que vinha aqui negociar, o resto ia se fazendo de qualquer jeito, onde tivesse lugar vago, sem ordem²⁹.

E2 - **Quem era esse pessoal do Ceará a que o senhor se refere?**

JG - Um Antônio Villanova³⁰ que era muito rico e que saiu corrido daí porque quando "pegaram" a anunciar que vinha a "Força"³¹, começaram a falar que era ele quem tinha denun-

ciado o povo de Canudos. Então, quando o Conselheiro estava lá em cima na igreja trabalhando, veio um correndo e subiu na escada mais para perto do Conselheiro –que ouviu os tiros, os tiros na cidade para aqui e para acolá –aí o rapaz subiu, quando chegou no alto falou: "Mataram um filho de Antônio Vilanova e estão atrás dele para matar"³², mas não conseguiram. Então o Conselheiro

29 Definida por Euclides da Cunha como "urbis monstruosa", Canudos como já informamos anteriormente, localizava-se à margem esquerda do rio Vasa Barris, estando situada num "vale fértil", como nos informou o Frei João Evangelista do Monte Marcião, no seu famoso e controverso "Relatório". Recorremos mais uma vez ao saudoso professor Calasans, no já citado "Cartografia de Canudos" que nos dá detalhes do arruamento canudense. "As casinhas ficariam, na sua maioria, numa espécie de praça ali existente, onde havia um barracão, conforme nos declarou Manoel Ciríaco. [...] O centro do arraial, evidentemente, estava situado na praça que alguns denominam de "igrejas" e outros chamam das "casas vermelhas" ou ainda do "comércio". Confirmando a informação dada pelo nosso entrevistado, o mestre nos dá conta que havia "um correr de casas velhas, ao lado oposto às igrejas, pertencentes ao comerciante Antonio Vila Nova e a João Abade, o "chefe do Povo". Eram as mais confortáveis de toda a localidade, levantadas depois da chegada do Bom Jesus Conselheiro". Prosseguindo o inesquecível historiador esclarece: "partindo da praça, um número elevado de casebres, levantados apressadamente à proporção que iam aparecendo os fanáticos (sic), tomava o nome de "ruas"; "Campos das Abóboras", da Caridade". A única perfeitamente alinhada era a do Monte Alegre, que ia terminar na estrada de Uauá". Complementando, podemos afirmar, que haveriam outros topônimos nomeando ruas, como por exemplo a "rua da Professora", nela residindo a mestra que ensinava o alfabeto aos meninos do lugar.

30 O mais poderoso comerciante de Canudos Natural de Assaré, Ceará, era homem de total confiança de Antonio Conselheiro. Assunção era o seu sobrenome de batismo, trocado por Vilanova em referência a Vila Nova da Rainha, hoje Senhor do Bonfim, cidade do sertão baiano onde se fixara antes de seguir a vila conselheirista. Sobre ele e seu irmão Honório sugerimos a leitura dos livros "Memorial de Vilanova", de Nertan Macedo; e "Quase Biografias de Jagunços – O Séquito de Antonio Conselheiro", de José Calasans.

31 Expressão muito utilizada pelo povo sertanejo para designar as tropas do governo, ou seja, as "forças republicanas".

32 O episódio a que se refere Sr. João ocorreu com o fazendeiro e comerciante Antonio da Mota e sua família, antigo morador de Canudos, onde já vivia antes da chegada definitiva de Antonio Conselheiro. Vítima de uma acusação nunca comprovada de que teria mandado informante avisar as tropas do tenente Pires Ferreira, em Uauá, sobre o ataque planejado pelos conselheiristas, foi trucidado sumariamente junto com seus familiares. Por outro lado há indícios de uma disputa comercial ente os Mota e os Vilanova, que seriam os mandantes do crime, aliás, nunca esclarecido e impune.

falou: “Mas como é que se faz isso?”. Ele ficou preocupado demais, porque até ali não tinha visto morte. Naquele tempo já tinha gente de toda natureza, gente muita, criminosos, jagunços. Gente que tinha cometido crime e já não obedecia direito o Conselheiro. O camarada fazia morte lá por onde andava e corria para Canudos, como lá não acontecia nada foi juntando gente de toda natureza, uma quantidade enorme, até que começaram a falar que vinha a “Força”, e veio mesmo.

E2 - Foi a que veio por Juazeiro³³?

JG - Veio por Juazeiro e depois caminhou para Uauá. Eles naquele tempo viajavam todos a pé, não tinha carro, não tinha nada, daí que quando chegaram no Uauá resolveram parar para um descanso, mas os jagunços já sabiam, já estavam lá esperando. No lugar que eles ficaram tinha um tanque muito grande, ainda hoje tem, mas era muito cheio de pedra ali, de morro, eu quando era pequenininho alcancei muita pedra em Uauá. Os soldados chegaram a tarde, vinham enfadados, caminhando, “tirando na bota”, carregados com armamento e munição, tudo nas costas. Chegaram aí nesse tanque, tinha muitos pés de juazeiro, eles chegaram e acamparam para dormir ali, eles não pensavam nunca que ali houvesse jagunços porque eles vinham trazendo um guia, e esse guia dizia a eles que dali até Canudos tinha nove ou dez léguas aí por dentro³⁴, mas os jagunços estavam lá entrincheirados, lá nas pedras, quando eles “estremeceram” tinha uns soldados tomando banho, outros cor-

reram de calção, o fuzil ficou ali, e assim mataram alguns. Eles mataram jagunços também porque os jagunços eram atrevidos, logo que deram “fogo”³⁵ e pegaram a ver os soldados caindo, eles correram dentro. Assim foi que morreu jagunço também. O restante dos soldados foi embora.

E1 - O senhor sabe que para a completa destruição de Canudos foram necessárias quatro Expedições Militares. A de Pires Ferreira, sobre a qual o senhor acabou de falar; Febrônio de Brito³⁶, Moreira César³⁷ e, por

33 Trata-se da denominada “Expedição Pires Ferreira”, a primeira contra Canudos constituída por um contingente de 100 homens. Foi comandada pelo tenente do Exército Manuel da Silva Pires Ferreira (1859-1925), partindo de Salvador com destino a cidade de Juazeiro, aonde chegou no dia 07 de novembro de 1896. Encaminhou-se no dia 12 do mesmo mês para Uauá, localidade que alcançou no dia 19. O confronto com as forças conselheiristas ocorreu no dia 21, sendo que como resultado da refrega foram mortos 01 oficial, 07 praças e 02 civis que serviam de guias, perfazendo um total de 10 óbitos, segundo os relatos documentais. As baixas entre os canudenses teriam sido muito mais numerosas, todavia, a Expedição Pires Ferreira retornou a Juazeiro no dia 26 de novembro, desistindo de seu intento que era a destruição de Canudos. O Tenente Pires Ferreira, paraibano de nascimento, combateu ainda na expedição Moreira César e morreu no posto de Tenente-Coronel.

34 Esta expressão representa seguir o curso do rio, caminhar seguindo sua trajetória. No caso, provavelmente, seria o rio Vasa Barris, cujas nascentes afloram justamente no município de Uauá.

35 A expressão se refere ao início dos combates, ao momento em que ocorreram os primeiros disparos.

36 Major Fiscal do Exército, no posto de sub-comandante do 9º Batalhão de Infantaria sediado em Salvador, Febrônio de Brito (1851-?), foi designado para o comando da 2ª Expedição Militar contra Canudos, a “Expedição Febrônio de Brito”, dirigindo uma força composta de 660 homens. O contingente partiu de Salvador com destino a Queimadas no dia 25 de novembro de 1896, chegando a esta localidade no dia 26, de onde seguiu alguns dias depois para a cidade de Monte Santo. A mobilização para Canudos somente aconteceria em janeiro de 1897, por força de problemas organizacionais para equipar e abastecer a tropa, em decorrência de problemas políticos envolvendo o Governador da Bahia, Conselheiro Luís Viana e o Major Solon Ribeiro (sogro de Euclides da Cunha), comandante do Distrito Militar, instalado em Salvador, como também, devido à alegada escassez de recursos humanos e financeiros, tanto por parte do governo estadual, quanto do governo federal. Tendo batido em retirada após violentos combates nas proximidades do arraial rebelado, em janeiro de 1897, Febrônio foi batizado com o epíteto de “major fujão”.

37 Foi o comandante da 3ª Expedição Militar contra Canudos, também como as outras batizada com o

fim, Artur não com povo con to?

JG - Eu a gente era o em Canudo aquela gan para se arn para apanh nição. Porq ção e as ar guerra com tinham ar ra! Por quê? e se “aposs tanto solda cerco, deu brigando, 1 uma parte tinha muita do e jagunç

E2 - O senl ator prii povo de C

JG - Eu a contam os temidos, ei importavan çavam assi um tio, tra mais os co trar Moreir que tiveran No fogo, “Avança, a atirando! A dos soldad cair na trinç assim tontc pegou o ca do tiroteio,

cou ali, e
mataram
jagunços
deram
soldados
ro. Assim
mbém. O
bora.

para a
Canudos
quatro
de Pires
o senhor
ônio de
7 e, por

Ferreira", a
por um contin-
pelo tenente do
ra (1859-1925),
a cidade de
novembro de
mesmo mês para
19. O confronto
do dia 21, sendo
mortos 01 ofi-
guias, perfa-
relatos docu-
ses teriam sido
pedição Pires
de novembro,
destruição de
abano de nas-
Moreira César

urso do rio, ca-
taso, provavel-
tascentes aflo-

mbates, ao mo-
disparos.

ub-comandan-
o em Salvador,
ado para o co-
ra Canudos, a
ndo uma força
ante partiu de
dia 25 de no-
dade no dia 26,
ra a cidade de
udos somente
rça de proble-
bastecer a tro-
pos envolvendo
Luís Viana e o
es da Cunha),
instalado em
gada escassez
anto por parte
verno federal.
tros combates
em janeiro de
teto de "major

Militar contra
atizada com o

**fim, Artur Oscar³⁸. Na sua opi-
nião como o Conselheiro e seu
povo conseguiram resistir tan-
to?**

JG - Eu acho que a quantidade de gente era demais, tinha muita gente em Canudos!. Os jagunços tinham aquela ganância de matar os soldados para se armarem, eles corriam dentro para apanhar as armas, apanhar munição. Porque eles não tinham munição e as armas eram poucas quando a guerra começou. Do meio para o fim tinham armas que não era brincadeira! Por quê? Eles matavam os soldados e se "apossavam" das armas. Tinha tanto soldado que deu para fazer um cerco, deu para cercar Canudos, e, brigando, morrendo gente tanto de uma parte como da outra. É porque tinha muita gente, tinha muito soldado e jagunço demais.

E2 - O senhor acha que esse era o fator principal do sucesso do povo de Canudos?

JG - Eu acredito que sim. Pelo que contam os jagunços eram muito destemidos, eram muito brutos, não se importavam de morrer não. Eles avançavam assim demais. Eu mesmo tive um tio, tratavam de José Guerra, ele mais os companheiros foram encontrar Moreira César no primeiro fogo que tiveram no Rancho do Vigário³⁹. No fogo, Moreira César gritava: "Avança, avança!". E eles atirando, atirando! A fumaça era tanta que um dos soldados caiu, e o cavalo dele veio cair na trincheira. No meio da fumaça, assim tonto, meu tio José levantou-se, pegou o cavalo, montou e escapuliu do tiroteio, tomou a estrada e foi bater

em Canudos. De lá do Rancho do Vigário para sair em Canudos tinha umas 15 (quinze) trincheiras⁴⁰, em todas elas tinham muitos jagunços esperando. Eles dividiram, saíram dividindo, a primeira foi lá no Rancho

nome do seu comandante, no caso, "Expedição Moreira César". Oficial célebre, muito antes de combater na Bahia, onde já estivera, o coronel Antonio Moreira César (1850-1897), paulista de Pindamonhagaba, comandou um efetivo militar de 1300 homens que partiu da Estação Ferroviária da Calçada, em Salvador, no dia 07 de fevereiro de 1897 com destino a Queimadas, que alcançou à 17, demandando para Monte Santo no dia subsequente e atingindo o Cumbe (hoje Euclides da Cunha) no dia 23 do mês em curso. Após célere e penosa marcha a Força avistou o povoado de Canudos no 03 de março, dando início aos ataques que redundaria na mais humilhante derrota militar do Exército brasileiro e na morte do seu comandante, que atingido por um tiro no dia anterior, faleceu na madrugada do dia 04 de março de 1897. A debandada da tropa em fuga, a repercussão nacional do combate e o falecimento do famoso Coronel, transformaram a Expedição Moreira César na mais discutida das que combateram no sertão da Bahia.

38 Chefe militar da 4ª Expedição Militar contra Canudos, a conhecida "Expedição Artur Oscar, também a deradeira, o general Artur Oscar de Andrade Guimarães (1850-1903), carioca, comandou um total aproximado de 10.000 homens, divididos em duas Colunas. A primeira, sob a chefia do general João da Silva Barbosa partiu da Bahia; a segunda, sob o comando do general Cláudio do Amaral Savaget, saiu de Sergipe. Em que pese inúmeros contratempos e numerosas dificuldades materiais e logísticas, a Expedição logrou êxito militar, sitiando e destruindo Canudos que caiu, finalmente, no dia 05 de outubro de 1897. O assassinato de prisioneiros, cruelmente degolados, bem como, o tráfico de mulheres e crianças entregues por oficiais e praças em prostíbulos da capital baiana e de outras localidades, marcaram negativamente a reputação do General Comandante.

39 Situado próximo a Canudos, sendo à época local utilizado como pouso pelos padres que andavam na região realizando desobrigas, daí o nome. Segundo informação de Olegário Coelho Fontes, no seu livro "O Trem-Terra - Moreira César - A República e Canudos", "Foi no Rancho do Vigário, no dia 1º de março, cerca de 19 quilômetros do arraial Belo Monte (Canudos) que, segundo Tristão Alencar Araripe, o coronel César ajustou com o major Cunha Matos, comandante interino do 7º BI, "avançar no dia seguinte só 10 quilômetros, dar descanso à força, depois abelhar-se do rio Vasa-Barris, bombardear o arraial e, quando este se achasse danificado, assaltá-lo com a infantaria", estratégia posteriormente modificada. Quanto ao primeiro embate entre as forças de Moreira César e os moradores de Belo Monte, Euclides da Cunha descreveu o fato em "Os Sertões", ressaltando a marcha tranquila dos expedicionários até então: "Iam nestas disposições admiráveis quando chegaram a Pitombas. [...] O pequeno ribeirão que ali corre, recortando fundamente o solo, ora ladeia, ora atravessa a estrada, interrompendo-a, serpeante. Por fim a deixa antes de chegar ao sítio a que dá o nome, arqueando-se em volta longa, um quase semicírculo de que o caminho é a corda. Tomou por esta a tropa. E quando a vanguarda lhe atingiu o meio, estourou uma descarga de meia dúzia de tiros. Era afinal o inimigo" (grito nosso). Não há registros de combate no local conhecido até hoje como Rancho do Vigário.

40 O mesmo Euclides, ainda em "Os Sertões", assinala que após a Expedição Febrônio, os conselheiristas

do Vigário, onde esse meu tio estava. Os outros ficaram mais para trás, ficava aqui uma turma fazendo uma trincheira, pegava mais na frente deixava o outro, eles tinham muita gente. Na primeira esse meu tio estava, foi quando pegou esse cavalo, montou e tocou para Canudos. Saiu passando nas trincheiras e dizendo: "Pode se preparar. Quem não correr, vai morrer, porque o Moreira César é um terrível! Ficaram lá se acabando tudo". E assim foi até Canudos, chegou lá avisou ao Conselheiro. Eles estavam na Igreja, vinha vindo aquele grupo de jagunços, mas não tinham uma certa munição. Eles ficaram esperando, quando esse tio meu chegou disse ao Conselheiro que o homem entrava em Canudos, do jeito que vinha entrava. Era gritando e avançando, não importava que morresse soldado, e morria muito. Eles ficaram, mais ficaram se prevenindo na Igreja, porque a estrada subia o rio, logo aqui na subida do rio, na assentada, era a igreja de Canudos, já estava feita. Aí com pouca, mais tarde um pouco, pegaram a ouvir os tiros, já era nas outras trincheiras. Os soldados foram andando até que apontaram no "Alto do Maio"⁴¹, dali avistava a igreja, avistava Canudos quase toda, tudo. Dali eles desceram para as bandas de Canudos, aí veio uma turma de jagunços encontrar com eles entre Canudos e o Alto do Mário, onde eles estavam. Mas, os jagunços não tinham munição, a munição era pouca, era mais espingarda.

E2 - Onde é que os jagunços achavam tanta arma para brigar?

JG - Daí por diante eles se arma-

vam com as armas tiradas dos soldados mortos.

E1 - Só com essas armas tomadas dos soldados? Será que tinha que não havia mais alguém abastecendo?

JG- Não, acho que não tinha não.

E1 - O senhor falou no coronel Moreira César que era um homem muito atirado, inclusive, chegou aqui em Canudos com fama de violento, emocionalmente descontrolado. A morte dele abalou o Brasil inteiro, mas aqui no sertão a vitória do Conselheiro e seu povo alegrou muita gente. Dizem que fizeram muitos versos sobre o assunto, o senhor sabe algum para nos contar?

destacavam "[...] piquetes vigilantes, de vinte homens cada um, ao mando de cabecilha de confiança, para vários pontos de acesso – em Cocorobó, junto à confluência do Macambura, na baixada das Umburanas e no Alto da Favela, rendendo os que ali haviam atravessado a noite, velando". Havia, possivelmente, piquetes e não trincheiras na formatura mencionada pelo entrevistado. Nas pesquisas arqueológicas realizadas pela UNEB-CEEC, na década de 1980, estas foram localizadas em locais mais próximos ao arraial, como por exemplo, no próprio Alto da Favela e cercanias.

⁴¹ Torna-se necessário esclarecer aqui o que Claude Santos, fotógrafo e estudioso do cenário da Guerra de Canudos, assunto sobre o qual realizou estudos sistemáticos na área, classifica como "um grande equívoco sobre o Alto da Favela", clarificando que "Este sítio, durante muitos anos, tem sido confundido com o Alto do Mário", engano em que incorre os moradores da região e em que incorreram muitos historiadores. Em artigo intitulado "Alto do Mário ou Alto da Favela?", publicado na Revista Canudos, vol. 2, n. 2, de outubro de 1997, Claude define o Morro da Favela como sendo "depois da Praça da Igrejas", o ponto mais importante do palco da guerra". Mais adiante: "Deste sítio tinha-se uma visão total do arraial. Total e frontal (grifo nosso). Acresce ainda a seguinte informação: "das expedições militares, a primeira a ter este ângulo de visão foi a de Moreira César na manhã do dia 3 março de 1897". Portanto, o que ainda hoje se chama de Alto do Mário é na verdade o Alto da Favela, estando situado a 1300 metros da cidadela conselheirista. Quanto ao verdadeiro Alto do Mário ou Maio, ponto localizado um pouco abaixo, seria uma espécie de "maiaador", corruptela de malhador, local onde o gado pasta, pertencente a Fazenda Velha, antiga propriedade da família do Barão de Jeremoabo.

⁴² Sobre o assunto sugerimos a leitura da obra do profes-

JG - Nunca

E2 - E o Pe

JG - O Ped Eu trabalha bém. Eu me ta da tur DNOCS, tu nheci muit

E2 - Como

JG - Era m e muito dis mesmo, lem uma revolta via a dispos queia turma a brigar, Canudos, de aqui, mas n va em Canu

E1 - Que re

JG - Eram t por aqui. Et tava não.

E1 - Pedrã religioso?

JG - Não se

E2 - Ele co experiênci

JG - Ele ei gente não p tinha com muitos os c

dos sol-

**omadas
nha que
abaste-**

la não.

**coronel
um ho-
clusive,
los com
nalmen-
rte dele
nas aqui
selheiro
a gente.
s versos
or sabe
!?**

30 vinte homens
confiança, para
ó, junto a cons-
s Umburanas e
i haviam atrá-
sivelmente, pi-
ta mencionada
cológicas reali-
1980, estas fo-
mos ao arrai-
Favela e cerca-

o que Claude
o da Guerra de
estudos siste-
grande equívoc-
que "Este sitio,
lido com o Alto
moradores da
moradores. Em
to da Favela?",
1, 2, de outubro
ela como sendo
mais importante
este sitio tinha-
e frontal (grifo
formação: "das
este ângulo de
do dia 3 março
chama de Alto
a, estando situ-
erista. Quanto
orto localizado
de "maior",
o gado pasta,
propriedade da

obra do profes-

JG - Nunca aprendi nada não.

E2 – E o Pedrão?

JG - O Pedrão, eu trabalhei com ele. Eu trabalhava no DNOCS e ele também. Eu mesmo é quem tomava conta da turma de contratados do DNOCS, tudo no fuzil, e ele eu conheci muito.

E2 – Como era Pedrão?

JG - Era muito forte, alto, boa altura, e muito disposto. Era muito disposto mesmo, lembro que uma ocasião teve uma revolta, Pedrão era vivo e a gente via a disposição dele para ir atrás daquela turma de revoltosos, não chegou a brigar, porque ele morava em Canudos, depois foi que ele veio para aqui, mas nesse tempo a gente morava em Canudos.

E1 – Que revolta era essa⁴³?

JG - Eram uns revoltosos que saíram por aqui. Eu não sei de quem se tratava não.

E1 – Pedrão era um homem muito religioso?

JG - Não sei informar não.

E2 – Ele contava alguma coisa da experiência dele em Canudos?

JG - Ele era muito calado. É que a gente não procurava perguntar direitinho como era, porque não eram muitos os que podiam contar algu-

mas coisas que a gente guardasse na memória. Não me lembro bem se ele contava não. Vinha muita gente para Canudos e quando vinha procurava sempre ele. Ele era uma das pessoas que podia contar, não ficou até o fim da guerra porque se fica tinha morrido também, tinha que escapular antes de fechar, porque eles foram fechando o cerco, antes de fechar ele caiu fora, senão tinha morrido, como os outros todos que ficaram ali dentro morreram⁴⁴.

E1 – Contam que ele teve um final de vida bastante sofrido, até ficou impossibilitado de andar, é verdade?

JG - Foi.

E2 – Ele está enterrado aqui em Canudos, não é? Nós soubemos que o enterro dele teve um grande acompanhamento. Isso é verdade?

JG - Foi. O pessoal gostava muito dele. Tinha muita consideração a ele.

sor José Calasans, "Canudos na Literatura de Cordel", publicada pela Editora Ática.

⁴³ Possivelmente trata-se da Coluna Prestes, que passou pela região. Sabe-se, também, que Pedrão inscreveu-se nas *volantes* para combater Lampião e seu bando, que andou por ali com frequência.

⁴⁴ Vários autores e inúmeros relatos de sobreviventes da Guerra, moradores de Canudos, confirmam que muitas pessoas abandonaram a cidadela antes do cerco final, inclusive com o consentimento dos sitiados. Dentre esses sobreviventes destacam-se nomes ilustres como Pedrão, Antonio e Honório Vilanova, sendo que este último descreve sua fuga e a do irmão, no livro "Memorial de Vilanova", de Nertan Macedo.

E2 - A Guerra de Canudos, a presença do Conselheiro, trouxe alguma lição que sirva hoje como experiência, como ensinamento para o povo?

JG - Eu acho que deixou muito, muita lembrança. Hoje aquele pessoal já se acabou todo, aqueles fanáticos, o fanatismo que tinham. Foram se acabando pouco a pouco. Ficou pouca gente, mesmo em Canudos só ficou aquelas mulheres que foram para Salvador, a "Força" levou, minha avó mesmo foi com cinco filhas, com cinco filhas moças.

E1 - Ficou onde em Salvador, o senhor sabe?

JG - Diziam que lá não faltava nada, tinha aqueles Conventos, lá dividiram, ficavam em um canto, no outro, espalhados⁴⁵.

E2 - E passaram quanto tempo lá?

JG - Seis meses. Minha avó veio com seis meses. Foi a primeira que veio.

E1 - E as crianças, os filhos dessas mulheres que foram para Salvador?

JG - A maioria morreu, morria no caminho, morria lá mesmo em Salvador. Não tinham os recursos que tem hoje. Eles viajavam, a turma de mulheres, eu alcancei minha avó contando: "Nós íamos viajando, assim com pouco alguém dava aquele negócio e caía, não morria, mas ficava ali para morrer. Os

soldados chegavam e mandavam encostar na beira da estrada. As filhas pegavam a mãe, os velhos, as velhas, sempre eram as primeiras que acontecia isso. Ficavam encostados e o povo saía chorando, sabendo que aquelas pessoas iam morrer. Eu digo, não tinha recursos, mas a Força não deixava continuar. Não podia ficar. Era só tirar e botar numa sombrinha, mas parece que nem sombra tinha nos paus, era ano de seca⁴⁶.

E2 - E eles levavam para que, por que?

JG - Veio uma ordem para levar tudo, todos os jagunços.

E1 - Só ficaram elas?

JG - Só ficaram as mulheres, os homens mataram todos, degolaram⁴⁷.

⁴⁵ O traslado de prisioneiros para Salvador, em condições absolutamente penosas, tem registro nas numerosas fontes primárias escritas, orais e bibliográficas que tratam de Canudos. Sobre o assunto recomendamos a leitura do "Relatório do Comitê Patriótico da Bahia", publicado pela primeira vez no ano de 1901, e reeditado em 2002, pela Portfolium, numa edição coordenada pelo estudioso e pesquisador Antonio Olavo.

⁴⁶ O historiador Marco Antonio Villa, em sua obra "Vida E Morte No Sertão", nos informa que "a primeira grande seca da vida republicana" teria ocorrido "entre os anos 1898 e 1900", o que não invalida a informação do depoente, uma vez que, quando uma estiagem se torna assunto oficial ou vira notícia de jornal no Brasil, ainda mais no final do século XIX, é sinal de que o padecimento do povo sertanejo há muito se iniciou. Deve-se levar em conta, também, que os fatos narrados pelo Sr. João ocorrem no ocaso de 1897, mês de outubro, quase ao final do ano e bastante próximo de 1898.

⁴⁷ Não existe dúvida sobre a criminosa degola de prisioneiros indefesos em Canudos, inclusive com a complacência da oficialidade presente na 4ª Expedição, dentre eles o general Artur Oscar, seu comandante geral. Inúmeros autores, insuspeitos, relatam tais acontecimentos. Euclides da Cunha e Alvim Martins Horcades, por exemplo, testemunhas oculares, escreveram sobre o fato.

E2 - Sobre senhor po ciativa de vingança,

JG - Dizem é mesmo o

E2 - Artur

JG - Artur nou para ac que quando que tinham gou as arm tava tudo p estava lá, ninguém.

entregasse

ir embora A

todo mund

mas enqua

armas não

ram. Jagun

canto. Cheg

eles iam r

ali. Quando

teio, para a

soldado, se

eles diziam

aquilo foi o

zeram aqui

jagunços, c

tinham atac

amanheceu

gunços at

Mentira est

não tinha

Resultado:

um curral c

rio". Mand

então foram

cia de um

davam en-
. As filhas
as velhas,
que acon-
tados e o
endo que
r. Eu digo,
Força não
odia ficar.
sombriinha,
abra tinha
6.

que, por

levar tudo,

res, os ho-
laram47.

ador, em condi-
pistro nas nume-
e bibliográficas
nto recomenda-
tê Patriótico da
o ano de 1901, e
uma edição co-
nsador Antonio

a sua obra "Vida
a primeira gran-
porrido "entre os
a informação do
na estiação se
ia de jornal no
XIX, é sinal de
ejo há muito se
vem, que os fatos
so de 1897, mês
astante próximo

degola de prisio-
sive com a com-
a 4ª Expedição,
eu comandante
s, relatam tais
e Alvim Martins
oculares, escre-

E2 - Sobre essa a degola o que o senhor pode nos contar? Foi iniciativa dos soldados por raiva, vingança, ou foi uma ordem?

JG - Dizem que foi os Generais. Como é mesmo o nome?

E2 - Artur Oscar?

JG - Artur Oscar. Foi ele quem ordenou para acabar tudo. Porque diziam que quando aconteceu, com três dias que tinham cercado, o pessoal entregou as armas, os jagunços, então estava tudo preso, a cerca de soldados estava lá, nem entrava e nem saía ninguém. Então eles disseram que entregassem as armas para pudermos ir embora Alguns podiam sair. Estava todo mundo doido para ir embora, mas enquanto não entregassem as armas não podiam sair, aí entregaram. Jagunços para tudo quanto era canto. Chegavam para se entregar e eles iam recebendo e acumulando ali. Quando foi meia noite veio o tiro-teio, para acolá, para aquela linha de soldado, sei que era uma coisa que eles diziam, minha avó dizia que aquilo foi combinado, os generais fizeram aquilo para poder matar os jagunços, dizendo que os jagunços tinham atacado os soldados. Quando amanheceu o dia falavam: "Os jagunços atacaram os soldados!". Mentira estavam todos desarmados, não tinham arma nenhuma. Resultado: "Prende os jagunços, faz um curral de soldados lá dentro do rio". Mandaram fazer dois currais, então foram lá e marcaram, a distância de um para o outro era de uns

duzentos metros. Um era para os homens, o outro para as mulheres. Então logo eles botaram os homens todos presos, presos já estavam ali dentro, mas era para ficar ali próximo a morte. As mulheres estavam lá no curral delas. Então os soldados trouxeram dez ou doze, ou quinze jagunços, e mandaram que eles subissem em cima de uma ribanceira, e de lá gritavam para as mulheres: "O marido de vocês, os filhos de vocês vão receber ordem para ir embora". Minha avó dizia que no começo todo mundo ficava pensando que era verdade, que era para ir embora mesmo, que iam voltar para suas terras. Depois os soldados quando voltavam para buscar mais gente, vinham conversando, contando o que tinha acontecido com os homens: "Oh! aquele que tive dó dei na cara tanto, quase que ele caía aqui no meio das mulheres". Aí elas viram que estavam matando, conheceram, conheceram que estavam era matando, os soldados mesmo é que "descobriram". Foram carregando, carregando, até que carregaram o derradeiro. Minha avó dizia: "Nós já tínhamos que esperar morrer do mesmo jeito que eles estavam morrendo, porque se eles fizeram curral para os homens, fizeram também para as mulheres, portanto, era para morrer tudo". Mas, quando terminaram os homens chegou a ordem para não ofender a um só jagunço.

E1 - Muita gente morreu com doenças, não foi?

JG - Morreu. Dizem que era uma coi-

sa demais. De fome, sede, de qualquer coisa que fazia mal.

E2 - O senhor chegou a conversar com outros sobreviventes da guerra?

JG - Conversei muito. Meu avô mesmo contava muito que ele saiu no dia que fecharam, ele tinha saído meia noite para ir atrás de qualquer coisa de comer para família. Para sair só tinha o rio, por dentro do rio. Eles davam direito para sair à noite, de dia não, de dia eles matavam, mas de noite saíam.

E2 - Por que os soldados só permitiam a saída à noite?

JG - Porque eles saíam pelo rio. Os soldados estavam assim, no alto, com a distância de 400 a 500 metros, deixando ainda uma passagem, então saíam e entravam. Meu avô mesmo vinha quatro horas, ele tinha saído e estava voltando, mas quando chegou algum reforço fecharam a saída. Então meu avô veio pensando que estava aberto o rio, estava voltando na corrente, mas já tinham fechado. A família ficou toda dentro, minha avó, os filhos, cinco filhas moças. Minha mãe e as irmãs. Aí ele correu e foi ficar em uma fazenda no Uauá. Durante seis meses ele nunca soube notícia da família, para onde tinham ido, só depois é que ele soube que as mulheres tinham ido para Salvador, tinham levado. Naquele tempo também era difícil chegar notícia, nem elas podiam dar. Minha avó também não sabia se o marido era vivo, com seis meses foi

que ela recebeu ordem para vir de Salvador. Ela dizia que foi bem tratada, minha mãe também disse que não faltava nada, disse que era tudo bem tratado. Quando vieram embora, em Euclides da Cunha, ela encontrou-se com uma pessoa conhecida, era uma pessoa de Canudos, já tinha estado em Canudos, mas tinha escapulado, foi quando ela veio saber notícia do meu avô, que ele era vivo. Em Canudos procuraram e coisa e foi a notícia para ele e ele veio, tornaram a se encontrar e ficaram morando mesmo aí em Canudos. O fanatismo era terrível pelo Conselheiro!

E1 - Depois desse extermínio o Governo ficou preocupado com o retorno dessas pessoas a Canudos?

JG - Eu acredito que não, porque aquilo já foi uma ordem, e eram só mulheres, homem não tinha nenhum. Era muita mulher, minha avó dizia que eram muitas mulheres.

E2 - Então Canudos ficou sendo uma cidade praticamente de mulheres?

JG - É, mas aquelas mulheres não eram todas daqui. Muitas mulheres eram de famílias que tinham vindo de outras regiões. Quando minha avó veio com as filhas, parece que somente duas ou três mulheres que acompanhavam ela eram membros daí de Canudos. Tinha gente que na hora de vir embora quando perguntavam de onde eram, só diziam que eram todos de outras localidades, ninguém queria vir mais para Canudos não.

E1 - Quer rou para

JG - Pass alcancei Ce ta ou sesse

E2 - Como nessa épo

JG - Traba

E2 - Por qu to interes qual o pe e sua Governo?

JG - Bom,

E1 - O se sido o qu

JG - Naque chegou Monarquia depois que gente pass queria, anc da Repúbl Conselheir ele dizia q com muita podia mais não estave nha gente natureza.

JG - Coi Conselhei

JG - Esta entendeu? avô, foi um

...a vir de
...em trata-
...isse que
...era tudo
...embora,
...encontrou-
...cida, era
...tinha es-
...a escapu-
...er notícia
...vivo. Em
...a e foi a
...rnaram a
...ndo mes-
...ismo era

**mínio o
lo com o
ioas a**

...o, porque
...eram só
...nenhum.
...avó dizia

**u sendo
nte de**

...eres não
...mulheres
...vindo de
...inha avó
...e somen-
...acompa-
...s daí de
...a hora de
...tavam de
...ram todos
...ém queria

**E1 - Quer dizer que o povo demo-
rou para voltar?**

JG - Passou uns tempos. Eu ainda
alcancei Canudos com umas cinqüen-
ta ou sessenta casas.

**E2 - Como é que o povo sobrevivia
nessa época?**

JG - Trabalhando. Era pouca gente.

**E2 - Por que o Governo tinha tan-
to interesse em destruir Canudos,
qual o perigo é que o Conselheiro
e sua gente ofereciam ao
Governo?**

JG - Bom, aí eu não sei.

**E1 - O senhor pensa que tenha
sido o que?**

JG - Naquele tempo que o Conselheiro
chegou em Canudos era a
Monarquia⁴⁸, tempo da Monarquia,
depois que ele já estava aí com muita
gente passou a República. O povo não
queria, andaram queimando dinheiro
da República. Dizia meu avô que o
Conselheiro não era muito de acordo,
ele dizia que não fizessem isso, mas
com muita gente o Conselheiro não
podia mais, eles não obedeciam mais,
não estavam obedecendo porque vi-
nha gente de toda espécie, de toda
natureza.

**JG - Como foi que Antonio
Conselheiro morreu?**

JG - Estava morrendo muita gente,
entendeu? Então ele adoeceu, meu
avô, foi um dos assistentes dele até a

hora da morte, Mané da Guerra, ele e
um irmão, eram seis companheiros,
eles eram muito fanáticos, muito ami-
gos, combinaram e pegaram o
Conselheiro doente de morte e bota-
ram num casebrezinho, porque lá a
bala não atingia. Ficavam dois assis-
tindo, dia e noite, revezando. Então
eles ficaram lá com ele e o povo doído
atrás do Conselheiro a perguntar:
"Onde está o Conselheiro?". Eles sa-
bendo e não diziam, combinaram,
porque ele ficou doente, ele adoeceu
sem querer comer, dizia meu avô, não
comia nada, nem bebia, nem conver-
sava e assim passou sete dias, não
gemia, era calado, parado, até que
morreu, não teve jeito. Quando morreu
eles sepultaram dentro de casa⁴⁹.

**E1 - Os padres mais antigos com
os quais o senhor pode conversar
sobre o assunto diziam o que a
respeito de Canudos?**

JG - Falavam bem do Conselheiro.
Diziam que ele era muito católico,
muito boa pessoa. Não falavam mal,
diziam que ele só aconselhava para o
bem, só fazia o bem, não desejava mal
a ninguém.

⁴⁸ De fato. Embora tenha passado por Canudos durante o regime monárquico, Antonio Conselheiro somente se fixou no local em junho de 1893, portanto, após a Proclamação da República.

⁴⁹ Antonio Conselheiro faleceu, provavelmente, no dia 22 de setembro de 1897, por complicações advindas de um ferimento provocado por estilhaços de granada que o atingiram na perna. Seu corpo foi sepultado no lugar conhecido como Santuário, próximo à Igreja Nova, sendo exumado no dia 06 de outubro de 1897 e fotografado por Flávio de Barros, cuja imagem se tornou única e clássica. Teria sido novamente enterrado no mesmo lugar, tendo antes sua cabeça cortada e enviada para Salvador, onde desapareceria após incêndio na Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus, no ano de 1912, local de sua guarda.

E2 - Hoje, depois de passado tanto tempo, como é que o senhor ver tudo isso, toda essa história?

JG - Eu estou vendo é que Canudos se acabou. Nós estamos vivendo mais sossegados do meu tempo para cá. Eu alcancei em Canudos muito sofrimento, porque toda vida o pessoalzinho que veio para aqui era pobrezinho, tudo pobre, não tinha recursos. Não chovia, não tinham roça ou eram rocinhas "pequenzinhas". Se não chovia a gente sofria muito, eu alcancei em Canudos grande sofrimento do pobre, participava da pobreza, meus pais, minha família, nunca tiveram recursos, então vivia sempre vegetando.

E1 - O que o senhor mais guarda na lembrança da antiga Canudos?

JG - Tenho muitas saudades, apesar de a gente viver ali uma vida muito aperreada quando era tempo de seca. Tinha que se comer pau e pedra porque não tinha recurso. Eu alcancei quando passamos seis meses em Canudos sem aparecer um caroço de feijão, um caroço de farinha e nem de milho. Naquele tempo carregavam em animal de Tucano⁵⁰, de Euclides da Cunha⁵¹, mas a seca apertava que nem animal podia carregar nada. Eu não sei como é que a gente passava tanto tempo sem feijão e sem farinha. Agora, a vida tinha um refrigério, no mato tinha sempre naquele tempo o xique-xique⁵², tinha a parreira⁵³, eram as duas principais, o refrigério do pobre. Do xique-xique tirava a crueira⁵⁴ para fazer o cuscuz, com aquilo a gente passava, o cuscuz comia com carne, o que não faltava

nesse tempo dessa seca era a carne, todo mundo criava, todo mundo, estava muito seco e coisa, mas o bode toda vida nunca emagreceu para dizer: não tem criação para comer.

E2 - Com esse sofrimento todo tinha momentos de diversão, alegria, festa?

JG - No tempo de seca não tinha não, nesse tempo de seca era muito difícil, até as festinhas que faziam assim para as novenas e coisa, era tudo muito fraco. O povo não podia, tinha que ganhar as caatingas, cavar parreira, tirar xique-xique.

E1 - Do seu tempo de Canudos qual a recordação que mais lhe traz saudades?

JG - Eu tenho recordação daquele pessoal, daqueles amigos, daquelas reuniões que a gente fazia quando o tempo estava bom, quando estava verde, tudo verde, tudo alegre, então a gente tem aquela recordação. A gente ganhava as caatingas, esse

⁵⁰ Cidade situada no semi-árido baiano, distante de Salvador 257 km. Nesta localidade nasceu João Abade, grande combatente de Canudos.

⁵¹ Antigo Cumbe. A cidade dista da capital 315 km.

⁵² Planta da família das cactáceas (*Pilocereus gounellei*), "prostrada ou ramificada, revestida de espinhos e com frutos globosos", nativa do Brasil e muito comum na região de Canudos.

⁵³ Esta planta a que se refere Sr. João é a chamada parreira-brava, nativa das regiões tropicais e muito usada como diurética, febrífuga e antidiarréica. Sua raiz era utilizada para produzir uma espécie de farinha, muito rica em amido.

⁵⁴ Explica o Dicionário Houaiss que é "o resíduo grosseiro da farinha de mandioca que não passa pela peneira e resta depositado sobre sua tela". Teria como derivações "caruera, curera, quirera". Palavra de etimologia tupi, ainda segundo Houaiss pode ser "resíduo de farinha peneirada ou ajeirada".

alto de fora que, tudo era cada ca...
va o dia int...
tava a rum...
era hora d...
descascanc...
secar, para

REFERÊN

ARARIPE, Tristã
Contra Canu
de Janeiro: B

BOSI, Ecléa. Lem
Edusp, 1987.

CALASANS, José
de Cultura
Cultura. 1ª E
Bahia, n.º 5).

CUNHA, Euclide
Janeiro: Edio

FACÓ, Rui. Cang
Janeiro: Berti

FONTES, Oleone
César - A J
Editora Vozes

HOUAISS, Anton
Portuguesa. I
Janeiro, 2001.

JANOTTI, Maria

a carne,
do, esta-
o bode
para di-
ner.

**todo ti-
ão, ale-**

na não,
to difícil,
n assim
udo mui-
inha que
parreira,

**Canudos
nas lhe**

daquele
daquelas
quando o
o estava
re, então
lação. A
as, esse

distante de
nasceu João

al 315 km.
ereus *gounei-*
de espinhos e
muito comum

chamada par-
e muito usa-
rérica. Sua raiz
de farinha,

resíduo grossei-
ra pela peneira
e como deriva-
de etimologia
resíduo de fa-

alto de fora a fora era tudo xique-xi-
que, tudo da altura de um homem,
era cada capoeira! A gente trabalha-
va o dia inteiro, quando era noite es-
tava a ruma de xique-xique assim,
era hora de tirar, trabalhar a noite
descascando que era para botar para
secar, para quebrar miúdo e fazer

crueira. Dali podia guardar no sur-
rão⁵⁵, naquele tempo o couro de bode
não tinha valor, era tudo para fazer
surrão e guardar essas coisas.

E2 - **Muito obrigado.**

⁵⁵ O mesmo Dicionário informa que esta palavra signifi-
ca "sacola grande, bornal, geralmente de couro". Diz-
se ainda de "qualquer saco para farnele ou merenda".

REFERÊNCIAS

- ARARIPE, Tristão de Alencar. Expedições Militares
Contra Canudos. seu aspecto marcial. 2. ed. Rio
de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985. 225p. il.
- BOSI, Ecléa. Lembranças de Velhos. 2. ed. São Paulo:
Edusp, 1987. 406 p. il.
- CALASANS, José. Cartografia de Canudos. Secretaria
de Cultura e Turismo/Conselho Estadual de
Cultura. 1ª Edição. EGBA. (Coleção Memória da
Bahia, nº 5). Salvador, 1997. 147 p. il.
- CUNHA, Euclides da. Os Sertões. 18. ed. Rio de
Janeiro: Ediouro, 1996. 294 p. il.
- FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos. 9ª ed. Rio de
Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. 231 p.
- FONTES, Oleone Coelho. O Treme-Terra: Moreira
César – A República e Canudos. 2ª Edição.
Editora Vozes. Rio de Janeiro, 1996. 404 p. il.
- HOUAISS, Antonio. Dicionário Houaiss da Língua
Portuguesa. Editora Objetiva, 1ª Edição. Rio de
Janeiro, 2001. 2925 p. il.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. O Desafio da
História Oral. Revista Ciência Hoje: Encarte
Especial: São Paulo, 1987. pp 32/35.
- LUSTOSA, de Figueiredo Oscar. A igreja católica no
Brasil-República. Cem anos de compromisso
(1889-1989). São Paulo: Paulinas, 1991. 180 p.
- PEDREIRA, Pedro Tomás. Pequeno Dicionário dos
Municípios Baianos. Mil Cores Gráfica e Editora.
1ª Edição. Salvador, 1981. 175 p.
- THOMPSON, Paul. A Voz do Passado. História Oral.
Editora Paz e Terra. 2ª Edição. Rio de Janeiro:
1992. 385 p.
- VILLA, Marco Antonio. Vida e Morte no Sertão.
História das Secas no Nordeste nos Séculos XIX
e XX. Editora Ática. 1ª Edição. 1ª impressão. São
Paulo, 2000. 267 p. il.
- VILELA JR, Marcos Evangelista da Costa. Canudos.
Memória de Um Combatente. Editora Marco Zero.
Minc/Pró-Leitura. Instituto Nacional do Livro.
Coleção Resgate. Vol. 14. 1ª Edição. Brasília (DF),
1988. 133 p. il.